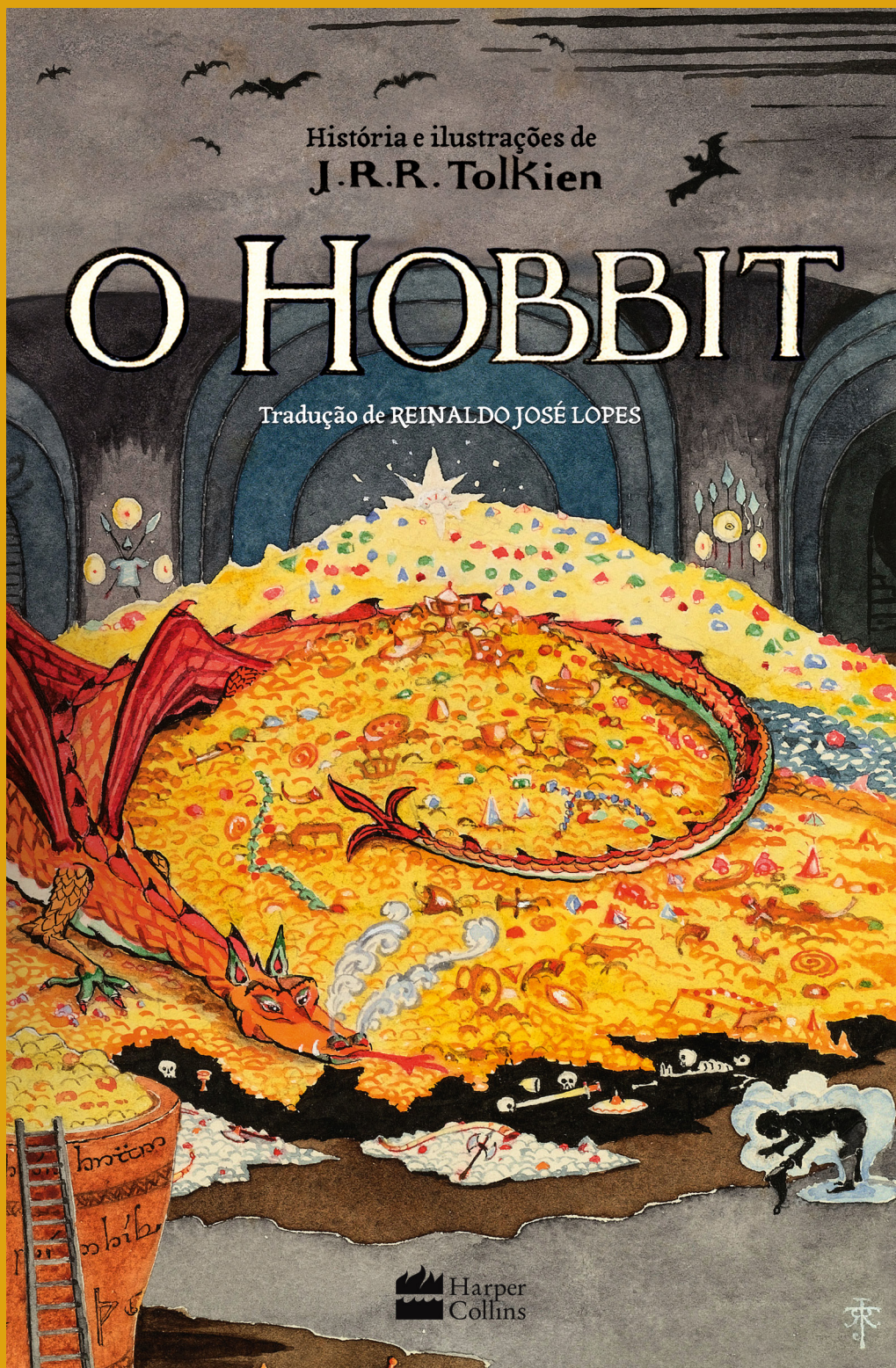


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



EQUIPE PEDAGÓGICA:
REBECA ALBUQUERQUE, ALINE AMORIM
E LOURENÇO BECCO

SUMÁRIO

Carta ao Professor **3**

Propostas de Atividades I **5**

(Destinadas aos professores de Língua Portuguesa)

Propostas de Atividades II **26**

(Destinadas aos professores dos demais campos do saber)

Aprofundamento **36**

Sugestões de Referências Complementares **40**

Bibliografia Comentada **45**



CARTA AO PROFESSOR

*Além dos frios montes escuros
Pros grandes calabouços duros
Vamos embora, antes da aurora,
Recobrar ouro em nossos muros!*
(O Hobbit, J.R.R. Tolkien, p. 28)

Professores e professoras, é chegada a hora de começarmos nossa viagem pelo universo mágico do Sr. Bilbo Bolseiro e de seus amigos Gandalf e os anãos. Certamente essa tarefa não será das mais fáceis, mas, sem sombra de dúvidas, será uma das mais prazerosas! Neste momento vocês já devem estar temerosos do que encontrar neste Manual Didático. Como diria Gandalf aos anãos, à frente do portal de Trevamata (a maior das florestas do mundo setentrional): “Pode ser que nos encontremos antes que tudo termine, e, por outro lado, pode ser que isso não aconteça. Vai depender da sua sorte e da sua coragem e bom senso [...]” (TOLKIEN, 2019, p. 144).

Portanto, vamos juntos planejar nossos kits de sobrevivência, romper o limite entre a realidade e a fantasia, e preparar nossos corações para a surpresa, o terror, o humor e tudo quanto o mundo fantástico e maravilhoso pode (e vai!) nos proporcionar. Só assim poderemos guiar nossos alunos e alunas, de maneira segura, pela Terra-média e pelas mágicas de nossa obra literária.

Antes de tudo, é preciso que os senhores e senhoras entendam as fronteiras de nossa jornada, que podem ser facilmente ultrapassadas, levando em consideração a sua, e tão somente sua, vontade. O texto que vamos ler foi publicado pela primeira vez em 1937; de lá para cá, tem sido editado nas mais diferentes línguas e se tornado um dos romances de ficção mais conhecidos do mundo. *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez* é, possivelmente, um dos melhores exemplares do que conhecemos hoje como literatura fantástica.

O livro conta as aventuras de um grupo de anãos, um hobbit e um mago, conhecido como Gandalf, na incessante busca por um tesouro guardado há muitos anos pelo dragão Smaug, o Magnífico. Para chegar a toda essa riqueza, nossos companheiros de jornada enfrentam trols, gobelins (ou orques), wargs... além de encontrarem elfos, águias e muitos outros elementos repletos de estranheza e magia suficientes, até para o mais ávido leitor ou leitora de mundos mágicos, embora a narrativa tenha sido escrita para o público infantojuvenil, como já afirmou seu autor.

Por falar nisso, o professor Tolkien foi o nosso guardião de histórias do mundo feérico por muitos anos. O criador de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*,

ambos textos da literatura fantástica que, muitos anos depois, tornaram-se produções cinematográficas, nos mostrou não somente a vida de seus personagens icônicos, mas elaborou um mundo (que chamou de Terra-média) e, indo além, utilizou seus conhecimentos de filólogo para criar línguas dos povos que descrevia (os idiomas élficos, por exemplo).

Além disso, há um sem-número de relações intertextuais possíveis de se fazer durante uma leitura mais atenta, a qual, claramente, deve ser mediada por um leitor experiente, tal como a figura de Gandalf para os anãos. No caso, caro(a) colega, esse leitor é você! Como já dissemos inicialmente, é preciso *coragem* e *bom senso* para saber trabalhar com literatura na sala de aula, considerando os aspectos didáticos (sua relação com as áreas do conhecimento, as metodologias que podem ser usadas para desenvolver determinadas habilidades) e fruitivos. Quanto a isso, não se preocupem! Este manual trará uma ajuda para preparar nossas mochilas de viagem e desvendar as rotas dos mapas, desbravando as trilhas do saber literário.

Quanto à sorte... bom... “Ainda há uma longa estrada pela frente!” (TOLKIEN, 2019, p. 295)

PROPOSTA DE ATIVIDADES I

(Destinadas aos professores de Língua Portuguesa)

Nesta unidade, vamos trabalhar em conjunto propostas de atividades em sintonia com as competências, habilidades e campos de atuação por meio dos quais o **Componente Língua Portuguesa** está organizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Por isso, apresentamos a seguir uma pequena explicação sobre as formas de organização do documento e suas linhas diretrizes. Em seguida, dividimos as propostas de leitura em três subunidades: atividades de pré-leitura (**prática social e problematização**), análise e estudo do livro (**instrumentalização e apreensão sensível dos conhecimentos**) e pós-leitura (**possibilidades de intervenção e ações propositivas a partir da vivência do texto**).

Em linhas gerais, a BNCC estabelece um conjunto de “aprendizagens essenciais” que devem integrar todas as etapas da Educação Básica. Isso ocorre por meio da reunião de dez competências gerais (conceitos importantes que devem ser mobilizados para instrumentalizar o aprendizado) a serem desenvolvidas pelos(as) alunos(as) no decorrer de sua vida acadêmica. Para o documento, deve haver uma associação entre **saber conteúdos** e **conseguir mobilizá-los em determinadas ocasiões**, como o que faremos nesta unidade.

A Base ainda se compromete com a educação integral, que, nesse caso, não está associada apenas ao tempo de aula ao qual os(as) alunos(as) devem ser submetidos(as), mas a uma visão mais ampla de **formação**, que vai além dos limites da escola. De forma geral, isso significa que as escolas que acolhem as juventudes devem proporcionar a **consolidação** e o **aprofundamento** de conhecimentos, preparar para o **trabalho** e a **cidadania**, colaborar para a evolução do(a) aluno(a) (formação cidadã) e propiciar o acesso aos **fundamentos científico-tecnológicos**.

Outra perspectiva levantada pela BNCC consiste na promoção das **múltiplas culturas** que caracterizam as **juventudes**. Ela refere-se à necessidade de reconhecer as especificidades de cada jovem que faz parte do ambiente escolar. Ao entender melhor seu público, a escola consegue oferecer uma educação transformadora que vai dialogar com as identidades e perfis dos(as) alunos(as).

Para isso, é necessário oferecer **experiências** que ultrapassem aquelas delimitadas pelo ensino tradicional. Esse aspecto traz mudanças interessantes quanto à condução das aulas e às novas formas de diálogo, especialmente se considerarmos que o documento ressalta o estudo a partir de uma perspectiva muito mais contextualizada e condizente com a realidade dos(as) alunos(as). Daí a importância das atividades de **pré-leitura** e **pós-leitura** que desenvolveremos, pois elas trazem para a sala de aula experiências anteriores vivenciadas pelo conjunto

da turma e também instigam que novas vivências, a partir da leitura, possam ser implementadas na vida dos(as) discentes.

Para o Ensino Médio, a Base separa as competências gerais em quatro grandes **áreas de conhecimento**: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Na área de **Linguagens e suas Tecnologias**, temos Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. A Língua Portuguesa apresenta suas habilidades de acordo com **campos de atuação social** (campo da vida pessoal, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e campo artístico-literário). O intuito da organização dos campos é promover vivências além daquilo que é praticado no meio escolar. No **campo artístico-literário**, o maior objetivo é incentivar a fruição artística e promover a formação leitora, o que contribui para o processo de construção da apreciação estética. É nesse campo que está inserido o estudo do livro *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez*.

PRÉ-LEITURA: PREPARANDO A MOCHILA DE VIAGENS...

“(...) Crendo ser desnecessário perturbar seu estimado repouso, procedemos na frente com vistas a fazer os preparativos requeridos e havemos de aguardar sua respeitada pessoa na Estalagem Dragão Verde, Beirágua, às 11h em ponto. Confiando em sua pontualidade,

Honrados de permanecer
ao vosso dispor,
Thorin & Cia.”

(O Hobbit, J.R.R. Tolkien)

A leitura é como uma casa, em que precisamos nos anunciar antes de entrar. A boa e futura convivência vai depender das formas de apresentação entre os convivas e dos acordos assinalados anteriormente. Você bem deve se lembrar da reação de nosso colega hobbit quando da chegada dos anões em sua toca. Não, definitivamente não seremos como os anões! Assim, nós, leitores que somos, aqueles que vamos entrar nessa morada, podemos ter um pouco de contato com ela e seus moradores antes de dar o primeiro passo na sala das histórias que serão narradas e nas vidas que serão contadas.

Antes de darmos início a nossa jornada, é preciso que a planejemos muito bem. Como bons viajantes que somos, sabemos que não podemos sair de nossas tocas... digo, de nossas casas, sem o básico para sobrevivermos em longas viagens; é preciso parar, observar o que temos ao redor e sistematizar nossa jornada. Olhar o mapa e saber onde queremos chegar é importante, mas traçar estratégias para se chegar ao “tesouro” é fundamental.

Assim também é a sala de aula, principalmente numa aula de leitura literária. É preciso olhar para os alunos, ver o que eles têm a nos dizer, ir a fundo nos seus saberes, nas suas experiências e, só depois, traçar estratégias para desenvolver com eles o que chamamos de **ampliação da cultura leitora**. Portanto, neste momento, nosso primeiro intuito é entender o que os jovens já trazem em sua bagagem para, só então, seguirmos viagem.

Também ressaltamos que, assim como o Sr. Bolseiro, os anões e Gandalf tinham um objetivo claro (reaver o tesouro dos anões que estava protegido por Smaug), nós, docentes, também precisamos de metas a alcançar. Nesse sentido, competências e habilidades precisam ser bem delimitadas, para que possamos delinear estratégias, a fim de que elas possam ser desenvolvidas.

Portanto, vocês perceberão que, a cada atividade proposta, foi preciso estabelecer competências (da Educação Básica e do componente de Língua Portuguesa) e habilidades a serem mobilizadas e desenvolvidas pelos estudantes. Obviamente, cada professor e professora pode alterar sua rota de viagem e refazer seu planejamento, sem, necessariamente, modificar o objetivo central. Dessa forma, traçamos uma organização **flexível** e **adaptável** às diversas realidades, mobilizando inicialmente três competências¹ da Educação Básica:

DIÁLOGOS COM A BNCC

Competências trabalhadas:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- Utilizar diferentes linguagens — verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital —, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Adaptado de BRASIL, 2018

¹Entendemos que outras competências estão intrinsecamente ligadas a essas, mas estabelecemos as três como “pontos-chave” para nosso diálogo preliminar.

ATIVIDADE 01: CAÇA AO TESOURO

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

- (EM13LP09) Fazer curadoria de informações, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.
- (EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades.
- (EM13LP19) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- (EM13LP49) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

Adaptado de BRASIL, 2018

É muito provável, professores e professoras, que alguns de seus alunos e alunas já tenham ouvido falar de uma brincadeira chamada **Caça ao Tesouro**. Numa conversa bem humorada, pergunte se eles a conhecem e se já brincaram. Direcionem o diálogo aos instrumentos necessários para se planejar uma caça ao tesouro. É possível que as respostas sejam: ter um tesouro a esconder, deixar pistas sobre ele em alguns lugares, fazer um mapa... Considere todas as respostas possíveis, instigando-os a justificarem suas falas.

Para aumentar o engajamento da turma, pode-se planejar uma Caça ao Tesouro, distribuindo mapas (adaptados aos níveis de complexidade e dificuldade dos alunos e alunas) e prêmios para os grupos que acharem o “ouro” primeiro. Essa estratégia pode ser uma excelente e divertida forma de dar os primeiros passos, pois faz os leitores penetrarem no mundo que se quer trabalhar.

O diálogo inicial pode ser direcionado a filmes que tratem do assunto, como as séries de *Indiana Jones* ou, em uma referência mais moderna, *A lenda do Tesouro Perdido*. O importante é manter o envolvimento dos alunos e alunas, guiando-os para a trama do texto literário a ser lido.

ATIVIDADE 02: COMO TUDO COMEÇOU...

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

- (EM13LP01)** Relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.).
- (EM13LP09)** Fazer curadoria de informações, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.
- (EM13LP03)** Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades.
- (EM13LP45)** Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- (EM13LP49)** Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

Adaptado de BRASIL, 2018

Quem nunca perdeu o interesse por uma narrativa ao saber o que iria acontecer no final da história? É preciso ter muito cuidado com os famosos spoilers quando ainda estamos na pré-leitura, mas é interessante que saibamos o contexto em que a obra foi produzida, uma vez que muitas dessas informações ampliam nosso repertório textual e nos fazem compreender melhor determinadas passagens do texto.

O universo mágico do professor e escritor britânico John Ronald Reuel Tolkien foi elaborado inicialmente para seus próprios filhos, de modo a ser uma história contada num momento lúdico e íntimo. Na verdade, depois de a primeira frase do texto ser escrita, em 1928, o autor parou (algumas vezes) e só veio terminar sua narrativa anos depois, em 1937.

Outro fator a ser levado em consideração é que, depois de *O Hobbit* ter sido publicado e aclamado como sucesso de público, foi pedido que o autor escrevesse mais histórias de hobbits, pois os leitores estavam curiosos em saber mais sobre o tal mundo mágico. Perturbado com a reação, Tolkien não entendia o que mais queriam saber. Foi então que, anos mais tarde, o professor Tolkien

escreveu à editora, afirmando já ter um capítulo sobre uma nova história de hobbits, o qual nós agora sabemos ser o início de *O Senhor dos Anéis*.

Você, professor ou professora, neste momento, já deve conhecer a história de Bilbo Bolseiro e deve estar se perguntando como há tanta criatividade para a invenção de um mundo mágico! Mas muito das aventuras escritas na obra têm relação direta com a “vida real” do escritor. A perda de sua mãe e sua constante facilidade em manter amizades e formar “irmandades” influenciou sobremaneira a personalidade de seus personagens (corajosos e companheiros). Além disso, a Primeira Guerra Mundial, da qual Tolkien participou, orientou as cenas de batalha em seus romances.

Essas informações sobre o contexto de produção da obra e sobre a própria vida do autor também foram transformadas em uma cinebiografia, chamada Tolkien, lançada em 2019, que pode ser utilizada pelos professores, a fim de contribuir com esse diálogo que antecede a leitura propriamente dita.

LEITURA: NAS TRILHAS DO TESOURO

Não se enganem, professores e professoras, nossa jornada já começou enquanto preparávamos as mochilas com todos os suprimentos necessários. Agora, com nosso *kit* de sobrevivência em mãos, vamos adentrar na Terra-média e ver, com outros olhos, tudo o que aconteceu com nossos personagens. É o que chamamos de **leitura com objetivos** (SOLÉ, 1998).

Para tanto, antes de partirmos, é preciso tomar decisões difíceis: Que estratégias de compreensão leitora utilizaremos com as turmas? Nosso conselho é ler o máximo que puder em sala, com os alunos e alunas. Parece difícil, levando em conta a carga horária reduzida, mas ressaltamos que nada substitui o contato direto com o livro, principalmente se seus alunos e alunas ainda precisarem fortemente de um referencial de leitor, o que, nesse caso, é você!

Os alunos não vão acreditar que ler – em silêncio, só para ler – sem ninguém lhes perguntar nada sobre o texto, nem solicitar nenhuma outra tarefa referente ao mesmo – tenha a mesma importância que trabalhar a leitura – ou qualquer outra coisa – se não virem o professor lendo ao mesmo tempo que eles. É muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-lo aos demais. (SOLÉ, 1998, p. 90)

Mas só a leitura coletiva pode não dar conta dos nossos objetivos. Assim como numa caça ao tesouro, precisaremos lançar mão de outras estratégias, articulando “diferentes situações – **oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada** [...]” (SOLÉ, 1998, p. 90, grifo nosso).

Obviamente, nosso maior objetivo, enquanto **educação literária**, é ampliar a **maturidade leitora** e o **horizonte de leitura** de nossos alunos e alunas. Portanto, não podemos perder de vista o caráter lúdico e frutivo dos textos literários.

Traçadas as rotas, vamos completar a jornada!

ATIVIDADE 01: DESENHANDO UM MUNDO FANTÁSTICO

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP09) Fazer curadoria de informações, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.

(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.

Adaptado de BRASIL, 2018

Nossa primeira grande aventura desta jornada é trabalhar a importância das descrições de espaço/ambiente e personagens para a construção da atmosfera fantástica nos livros de Tolkien, especialmente em *O Hobbit*. Nesse momento, o primeiro capítulo do livro é um excelente mote, uma vez que caracteriza a toca de um hobbit.

Após a leitura atenta é possível iniciar um diálogo jocoso sobre as características da toca e as possibilidades de moradia de seres humanos reais... Para ficar mais divertido, pode-se apresentar imagens da Vila-dos-Hobbits (*Hobbiton*), na Nova Zelândia². Esse “condado” era o estúdio de filmagens de *O Senhor dos Anéis* e, posteriormente, de *O Hobbit*. Hoje, a pedido dos donos do espaço de locação, o set ficou permanente e se transformou numa atração turística da cidade.

²Reportagem sobre a Vila-dos-Hobbits, na Nova Zelândia. Disponível em: <https://www.agrande-rota.com.br/post/hobbiton>. Site oficial. Disponível em: <http://www.hobbitontours.com>. Acessos em: 27 ago. 2020.

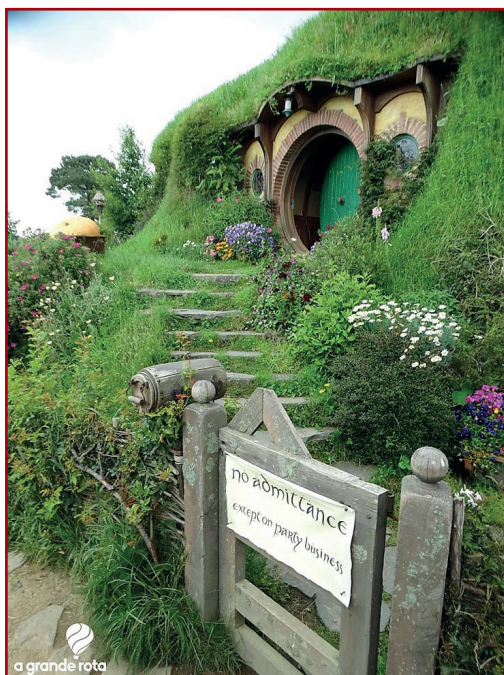


Imagem de uma toca de hobbits no set de filmagem, em Nova Zelândia³.

O capítulo 1 é excelente para reconhecermos não somente características do lugar que marca o início da jornada de Bilbo Bolseiro, mas também, e principalmente, quem serão os personagens que nos acompanharão nessa viagem. É importante ressaltar que o que caracteriza os personagens não são apenas os elementos físicos. Por exemplo, em Gandalf temos um “velho com um cajado” e uma “longa barba branca” (TOLKIEN, 2019, p. 17-18), mas o impressionante nessa história é perceber que o narrador fala sobre a personalidade dele. Veja:

Gandalf! Se você tivesse ouvido só um quarto do que já ouvi sobre ele, e eu só ouvi muito pouco do que há para se ouvir, estaria preparado para qualquer tipo de história impressionante. Histórias e aventuras brotavam por todo lado aonde quer que ele fosse, da maneira mais extraordinária. (TOLKIEN, 2019, p. 17)

Pela descrição do narrador, Gandalf é um aventureiro! O próprio Bilbo, um pouco mais à frente, passa a se lembrar de situações que caracterizam o mago, tais como “o mago viajante que deu ao Velho Tûk um par de abotoaduras mágicas de diamante que se prendiam sozinhas e nunca se soltavam a não ser que fosse ordenado” (TOLKIEN, 2019, p. 19).

³Reportagem: <https://www.agranderota.com.br/post/hobbiton>. Site oficial: <http://www.hobbitontours.com>

Ao longo do capítulo, os próprios alunos vão reconhecer, por meio das diversas descrições (físicas e subjetivas), o quanto são introduzidos no meio fantástico do autor. O estudo das descrições presentes no texto pode ser feito de forma dialogada, tomando como base o que se está lendo no momento, permitindo que os estudantes sejam protagonistas do processo de aprendizagem, mediados pelo olhar dos professores e professoras.

É importante salientar que essa estratégia não se esgota neste momento. Ao longo da leitura, os aspectos descritivos podem ser ressaltados. Uma forma divertida de solidificar essas habilidades é construir, junto com a turma, um **Painel Mágico**, no qual os estudantes podem desenhar os personagens e lugares, com base nas descrições feitas, e expor aos demais colegas, utilizando materiais simples, como cartolinas, canetinhas, lápis de cor e outros que a turma decidir manusear. Os desenhos ou a montagem do painel podem ser feitos em sala de aula⁴, coletivamente.

Outra interseção a ser feita é a relação entre o texto verbal escrito, as ilustrações criadas pelo próprio autor (com os mapas, as imagens de espaços...) e os desenhos dos próprios alunos, analisando quais elementos contribuem para a construção de uma “realidade alternativa no interior de uma narrativa fantástica acontecida em um tempo longínquo” (GAMA *et al.*, 2018, p. 15).

Nesse sentido, é preciso que alunos e alunas reconheçam os elementos de construção do fantástico no texto, apoiados nas descrições lidas ao longo da história.

ATIVIDADE 02: HISTÓRIAS E AVENTURAS

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua

⁴Esta atividade pode ser adaptada à carga horária do professor ou professora. Os alunos e alunas podem desenvolver toda a criação e montagem do painel em sala, de forma coletiva e dialogada, ou podem trazer para a aula alguns elementos já prontos, deixando para montar apenas a exposição em sala.

- (EM13LP16)** Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.
- (EM13LP17)** Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.
- (EM13LP19)** Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- (EM13LP48)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Adaptado de BRASIL, 2018

Nesta atividade, propomos o trabalho com a estrutura composicional do gênero romance dentro da literatura de modalidade fantástica. É necessário, portanto, entender a sequência de aventuras, a figura do(s) herói(s), dos antagonistas, dentre outras características.

É possível agora que professores, professoras e suas turmas devam ter percebido que as descrições estudadas na atividade anterior se relacionam intrinsecamente com a narração. Assim como outros textos de mesma natureza narrativa (novelas, contos, lendas...), há uma estrutura-base no romance: apresentação – desenvolvimento – clímax – desfecho.

De forma mais lenta e densa, porém longe de ser monótona, o romance de Tolkien ambienta (socialmente e psicologicamente) os personagens iniciais, traz breves histórias sobre cada um (ou sobre seu povo), coloca-os em situações assustadoras e promove o desfecho de cada uma, encaminhando os leitores para o objetivo final (ou inicial?): encontrar o tesouro na Montanha Solitária.

Como o romance é um gênero longo, várias ações são desenvolvidas durante o texto até que o objetivo central seja alcançado. O esquema apresentado mostra uma sequência de aventuras passada pelo protagonista e seus amigos. Assim que uma se finda, outra já está em andamento, entrecortadas por poucos espaços de paz e tranquilidade (o que deixa a leitura “eletrizante”). Uma sugestão é montar um **Álbum de Aventuras**, aproveitando os desenhos realizados na atividade anterior e colocando-os na ordem cronológica de acontecimentos (o tempo é outro elemento trabalhado quando tratamos de texto narrativo).

Para além dos acontecimentos, é necessário um olhar especial para os participantes dessa jornada, que não são poucos. Claramente, nosso **protagonista** é Bilbo Bolseiro, embora saibamos que seus companheiros também assumem relevância no decorrer da história. O **antagonista** de Bilbo é, sem sombra de dúvidas, o dragão Smaug, que protege o tesouro dos anãos na Montanha Solitária (onde antes era o lar de Thorin, seu pai, Thrain, e seu avô Thror).

Até esse encontro entre Bilbo e Smaug acontecer, há inúmeros imprevistos, os quais envolvem não só criaturas malignas (como os trols, os gobelins e os wargs) mas também amigos de Gandalf, que, induzidos por ele, ajudam Bilbo e os anãos a chegarem ao seu destino (como Beorn, o “troca-peles”). Neste momento, é possível escolher alguns capítulos para serem (re)lidos em sala, em voz alta. Sugerimos o capítulo 2, “Cordeiro Assado”, em que os professores e professoras podem evidenciar também a **variação linguística**, em virtude da linguagem utilizada pelos trols.

Outra perspectiva para discussões em sala é a percepção dos diversos planos narrativos em que a história se dá. Os leitores mais atentos, por exemplo, já devem ter percebido que Gandalf “some” em alguns momentos e aparece, em momentos cruciais, salvando o grupo e dando explicações superficiais sobre como escapou dos perigos. Além disso, ele mesmo sai da narrativa, afirmando ter de resolver “negócios próprios”, como acontece em frente ao portal de Trevamata (a partir de onde os anãos e Bilbo seguiram sozinhos).

Essas lacunas podem ser discutidas pelos jovens, com a mediação do professor e professora, não só para criar uma atmosfera de suspense e expectativas ao longo do texto, mas para compreendê-lo em toda sua complexidade (tendo em vista a continuação da história em *O Senhor dos Anéis*).

Além disso, há momentos em que Bilbo e os anãos se separam, e o narrador prioriza os acontecimentos de que o hobbit participa, deixando os outros serem explicados posteriormente (como é o caso em que ele se perdeu na caverna e achou Gollum ou, ao final da história, quando Bilbo caiu de cima da Montanha e ficou inconsciente, perdendo uma parte importante da Batalha dos Cinco Exércitos).

É fundamental perceber que, para todo esse universo – de anãos, dragões, elfos e outros elementos – fazer sentido, o processo de aprendizagem deve se dar de forma dialogada e, principalmente, significativa, de modo que, como preconiza a BNCC, os jovens possam “engajar-se mais criticamente”, além de “atualizar os sentidos das obras, possibilitando compartilhá-las em redes sociais, na escola e em diálogos com colegas e amigos” (BRASIL, 2018, p. 513).

Dar autonomia aos alunos e alunas para tecerem comentários apreciativos e críticos sobre o que estão lendo é primordial, e isso pode ser feito durante a leitura compartilhada, com pausas em pontos focais do texto, ou por meio da criação de **resenhas**, **vlogs** e **podcasts** literários, que podem acompanhar, em paralelo, as atividades de sala, dentre outros recursos de produção (orais ou escritos).

ATIVIDADE 03: POR DENTRO DA MONTANHA

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

- (EM13LP02)** Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).
- (EM13LP16)** Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.
- (EM13LP17)** Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.
- (EM13LP19)** Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- (EM13LP48)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Adaptado de BRASIL, 2018

Nesta atividade, propomos um trabalho de observação. Vocês já devem ter notado, ao longo da leitura, que este texto literário, por ser de maior extensão, tem a possibilidade de trazer em seu “corpo” outros gêneros.

Um dos primeiros a aparecer (e surge com frequência no decorrer da história) é a canção. Os anos são os primeiros a apresentarem-na, na primeira visita à casa de Bilbo:

Bata copo e prato na porta!	Jogue as xícaras nas panelas;
Sem gume a faca e torto o garfo!	Bata tudo com um pilão;
Eis o que Bilbo não suporta –	E se enfim sobrar uma delas,
Nas garrafas desça o sarrafo!	É só girá-la até o salão!
Rasgue o pano e pise na banha!	Eis o que Bilbo não suporta!
Derrame o leite no assoalho!	Alto lá com os pratos na porta!
Ossos no chão ninguém apanha!	
E o vinho no piso eu espalho!	(TOLKIEN, 2019, p. 25)

Relembrando a cena da “festa inesperada”, no primeiro capítulo, percebemos que as canções trazem informações que complementam a história, portanto, são importantes para a narrativa. No caso mencionado, os anões queriam brincar com a reação do hobbit face à chegada deles em sua toca. Após a canção, o próprio narrador afirma que “eles não fizeram nenhuma dessas coisas horríveis, mas foram limpando tudo e guardando a louça em segurança, rápidos feito raio [...]” (TOLKIEN, 2019, p. 25).

As canções são gêneros **multissemióticos**, pois não tratamos somente da letra, mas também do ritmo, dos timbres, da plurivocalidade, da melodia, do acompanhamento musical e de uma infinidade de outras características que as distinguem dos poemas, por exemplo.

Nesse sentido, pode ser interessante para os alunos e alunas criarem ritmos para as canções apresentadas, considerando o contexto em que foram inseridas (mais animadas, mais tristes, com suspense...). Outra sugestão é produzir canções modernas para a obra de Tolkien, fazendo uma releitura do texto.

O **poema** também aparece no texto, na fala do próprio hobbit, ao final de sua jornada (TOLKIEN, 2019, p. 296), quando observa sua Colina a distância. Visualmente, a formatação parece a mesma, mas o verbo *dicendi*⁵ que o autor usa é “disse”, logo, sabemos que não é uma música, pois, nos momentos anteriores, o verbo usado é “cantar”.

Outro gênero que aparece dentro desta “montanha” fantástica é o **bilhete**. No capítulo 2, “Cordeiro Assado”, Bilbo acorda e imagina que anões tenham ido embora, mas Gandalf alerta para um bilhete, deixado pelos pequenos, embaixo do relógio, “(escrito, é claro, com o próprio papel para anotações do hobbit)” (TOLKIEN, 2019, p. 41). Como sabemos, o bilhete é um gênero primário, uma vez que prima pela espontaneidade e simplicidade. No caso dos anões, o assunto era simples: eles agradeciam o hobbit pela hospitalidade, tratavam da forma de pagamento pelos seus serviços e avisavam sua espera em uma estalagem, às 11h.

⁵Verbos “de dizer”, ou seja, que usamos para introduzir um diálogo. Como exemplo, temos: falou, disse, perguntou, gritou etc.

A estrutura composicional foi mantida: gênero curto, informações objetivas, saudações e encerramentos, e assinaturas (no caso, Thorin & Cia.). Essa formatação permite claramente perceber o gênero e sua função imediatista dentro da narração.

Por fim, sugerimos aos professores e professoras uma correlação da leitura com o gênero **adivinha**, o qual aparece no capítulo 5, “Adivinhas no Escuro”. A estrutura apresentada no livro facilita a percepção do gênero, visto que é extremamente curta, traz uma pergunta (direta ou indireta), em forma de rimas, e, necessariamente, precisa de uma resposta.

Pode-se ler em sala o momento em que o hobbit e Gollum desafiam um ao outro, sob pena de Bilbo ser morto pelo ser maléfico que se apresenta a ele. Nesse caso, há uma mudança de turnos, que é comum nessa situação. Vejamos alguns exemplos. Quando Gollum pergunta:

*O que tem raiz mas ninguém vê,
Sobe a não mais poder,
Vence a árvore mais alta,
Mas o crescer lhe falta?*
(TOLKIEN, 2019, p. 84)

O hobbit responde: “‘Fácil!’, disse Bilbo. ‘Montanha, suponho.’” (TOLKIEN, 2019, p. 84) Em seguida, é a vez do hobbit fazer a indagação:

*Trinta pôneis brancos num morro vermelho,
Primeiro mordiscam,
Depois eles ciscam,
Depois param sem relho.*
(TOLKIEN, 2019, p. 84)

Ao que Gollum responde: “‘Moleza, moleza’, sibilou ele. ‘Dentes! Dentes, meu precioso; mas nós só tem seis!’” (TOLKIEN, 2019, p. 84) Essa mudança de turnos (que pode ser realizada por dois estudantes, numa espécie de encenação) acaba quando Bilbo muda o gênero sem perceber (ao falar consigo mesmo), deixando de fazer uma adivinha e fazendo uma simples pergunta. Aqui, colegas, é um trecho intrigante que pode ser trabalhado em sala de aula. Partindo do repertório prévio que os alunos e alunas possuem, tentem juntos caracterizar o que é (ou não) uma adivinha, seguindo a estrutura exposta por Gollum e Bilbo.

Pode-se discutir, por exemplo, o que fez Bilbo manter a pergunta e por que, mesmo não achando justo, Gollum aceitou. Notem que, no texto, antes de Bilbo falar consigo mesmo, Gollum pede que PERGUNTE algo para ele. O verbo usado de forma ambígua dá margem para que Gollum aceite a situação. Mas essa percepção não pode ser dada ao aluno e à aluna, deve ser construída durante a leitura, mediada pelo olhar atento dos professores e professoras.

Pode ser cativante para a turma um **Desafio de Adivinhas**, para que eles sintam, mesmo que minimamente, a tensão passada pelos personagens durante a cena. Para o Desafio, a turma⁶ pode ser dividida em grupos e os professores trariam várias charadas. A equipe que conseguisse o maior número de respostas seria a campeã.

Outra sugestão é a organização de uma **Batalha de Slams**, inspirada na cena, de modo a deixar o clima de “competitividade” (saudável) mais explícito. Para a batalha, a turma seria dividida em dois grandes grupos e, por meio de pequenos poemas rimados⁷ (ao estilo *rap*), os alunos de um grupo desafiam os outros, levando em conta as melhores rimas, as melhores reflexões sobre o texto lido.

ATIVIDADE 04: LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

(EM13LP19) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP49) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

Adaptado de BRASIL, 2018

⁶Outra variação é pedir às equipes que tragam ou criem suas próprias adivinhas, para desafiar umas às outras.

⁷Esta atividade pode ser adaptada para diversas intencionalidades educativas. Aqui priorizamos o estudo do texto lido e temáticas colaterais à obra, mas os professores e professoras podem utilizar a Batalha de *Slams* para tratar de vários outros assuntos.

Nesta seção, destacamos uma proposta de atividade que trate do desenvolvimento de habilidades as quais possam propiciar aos alunos e às alunas reconhecer o orquestramento de vozes no texto, a partir do narrador.

Nesse sentido, sugerimos que os professores voltem alguns capítulos, no intuito de mostrar à turma algumas informações que podem ter “escapado” à leitura. Em um processo dialógico questionem junto com a turma:

- Quem nos conta a história?
- Como este narrador sabe tanto sobre Bilbo Bolseiro?

Aqui, uma pausa deve ser feita para retomar um dado importante do início de nossa jornada, enquanto ainda estávamos preparando as mochilas: quem já assistiu ao filme tem informações que os leitores ainda não possuem. Uma delas é sobre o narrador da história. Até então, somente pela leitura, não temos como saber sua identificação, mas entendemos que ele tem muito conhecimento sobre o que fala (e conversa constantemente com os leitores), como mostram os seguintes trechos: “**Ora, é estranho dizer isso**, mas ânimo o Sr. Bolseiro tinha mais do que os outros” (TOLKIEN, 2019, p. 208, grifo nosso) e “**Você já está familiarizado** com o estilo de Thorin em ocasiões importantes, de modo que não vou reproduzir mais nada de seu discurso [...]” (TOLKIEN, 2019, p. 215, grifo nosso).

Mas, para quem já assistiu ao primeiro filme da trilogia, as cenas entregam uma informação que só saberíamos ao ler a sequência da história (em *O Senhor dos Anéis*): o narrador é o próprio Bilbo Bolseiro, que escreve suas memórias para seu sobrinho, Frodo (protagonista das próximas histórias de hobbits). No último capítulo (“O Último Estágio”), o narrador nos dá uma pista sobre isso, no trecho: “Em certo fim de tarde de outono, alguns anos mais tarde, Bilbo estava sentado em seu estúdio, escrevendo suas memórias – pensou em chamá-las de **‘Lá e de Volta Outra Vez, as Férias de um Hobbit’** –, quando ouviu a campainha” (TOLKIEN, 2019, p. 298, grifo nosso).

Ao compararmos esse trecho com o título de nosso livro (*O Hobbit: ou lá e de volta outra vez*) vemos que há uma possibilidade de estarmos lendo, de fato, as memórias de Bilbo Bolseiro. Mas, no filme, essa confirmação é explícita logo nas primeiras cenas. Saber dessa informação muda a forma como vemos a história, pois, ao desconhecermos o narrador, damos maior credibilidade a ele, já quando o conhecemos, tendemos a questioná-lo mais e a duvidar de sua narrativa; no entanto, entendemos algo crucial: como é possível o narrador conhecer tanto os personagens e seus sentimentos? Ele estava lá e sentiu todas as emoções!

Quando descobrimos essa dualidade entre filme e livro, passamos a ver o narrador de outra forma. Enquanto temos a visão somente do livro, o narrador

é observador e onisciente (uma vez que ele apresenta cenas de vários personagens, mostra como eles se sentem e o que pensam), porém, depois que conhecemos a adaptação fílmica, percebemos que o narrador é, na verdade, personagem (sendo o próprio protagonista), e o fato de saber o que os personagens pensam e suas emoções pode vir do fato de conhecê-los bem (e, por isso mesmo, presumir suas reações), além de ter descoberto por meio de conversas durante a própria jornada.

Falar com os alunos sobre o foco narrativo, relendo trechos que ressaltam-no, também é essencial, pois, embora toda a história seja narrada em terceira pessoa, há uma priorização por acompanhar as cenas do hobbit. É o caso dos capítulos 9 (“Barris Desabalados”) e 10 (“Cálida Acolhida”), que mostram a aventura dos anões dentro dos barris, ao fugirem do Rei-élfico. Em sua totalidade, o narrador acompanha a perspectiva de Bilbo, de suas emoções e do que o hobbit achava que estava acontecendo com os companheiros, como observamos em “Não há necessidade de contar muito a você sobre as aventuras **dele** [Bilbo] naquela noite, pois agora estamos chegando perto do fim da jornada para o leste e prestes a iniciar a última e maior das aventuras, então devemos nos apressar” (TOLKIEN, 2019, p. 191, grifo nosso).

Essas percepções são criadas ao longo das discussões elaboradas em sala. Dessa forma, questionar os alunos e alunas sobre o que eles acham pode ser o caminho. Buscar compreender como eles enxergam a situação, além de contribuir com suas visões de mundo, é o cerne do ensino de leitura literária.

Propomos então, no (quase) fim de nossa jornada, uma **Sessão de Cinema**⁸, para que a turma estabeleça suas próprias conclusões acerca da obra e do longa-metragem. Assim, oportunizamos que os alunos e alunas discutam sobre os pontos tratados nesta atividade com base em suas próprias percepções.

PÓS-LEITURA: UMA VIAGEM DE VOLTA... NOVAS EXPEDIÇÕES

*“Meu caro Bilbo!”, disse. “Alguma coisa aconteceu com você!
Não é mais o hobbit que um dia foi.”*
(O Hobbit, J.R.R. Tolkien)

Professores e professoras, como é bom saber que ainda estamos juntos. A volta pra casa parece ser o final das aventuras, mas, na verdade, é um convite a novas expedições. Nós nunca voltamos de uma viagem do mesmo jeito. Nossos

⁸Quanto melhor o “clima de cinema”, mais os alunos e alunas se envolvem. A turma pode ter autonomia para se organizar em grupos e trazer à sala de aula elementos de uma sessão de cinema: pipoca, refrigerante, organização da sala (em cadeiras, no chão, em almofadas...), entre outros.

horizontes de leitura se ampliam e somos convocados a “reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (BRASIL, 2018, p. 513).

Vocês devem ter percebido que, ao longo de nossa jornada, várias estratégias foram lançadas como forma de aprofundamento e ressignificação do que foi lido. Em textos de maior extensão, como é o caso de *O Hobbit*, essa escolha se faz mais prudente, pois avançamos na leitura de acordo com o *feedback* da turma e dos conhecimentos que vêm sendo construídos por e com ela.

Compartilhar as ideias principais, tomando como ponto de partida a concepção de **relevância contextual** – “importância que o leitor atribui a determinados trechos ou ideias contidas em um texto, em função de sua atenção, interesse, conhecimento e desejos” (SOLÉ, 1998, p. 137) – pode ser uma forma envolvente de os alunos e alunas revelarem suas impressões sobre a obra.

Nesse sentido, sugerimos atividades que estimulem a criação de obras autorais inspiradas no universo fantástico de Tolkien, tais como **paródias**, **fanclipes** e **fanfics**. Há uma habilidade⁹, do campo artístico-literário, prevista na BNCC (2018, p. 516), que embasa essas práticas discursivas, uma vez que afirma que elas são formas de “dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário”, por meio de diferentes mídias, considerando “seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos”. Nesta atividade, em específico, propomos a produção de *fanfics*.

ATIVIDADE 01: UMA FESTA ESPERADA

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

(EM13LP19) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

⁹Código da habilidade: EM13LP53.

(EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP49) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

Adaptado de BRASIL, 2018

É muito provável que vocês, colegas professores e professoras, e seus alunos e alunas já tenham ouvido falar de **fanfics** (abreviação de *fan fiction*), as quais, como o próprio nome nos antecipa, são textos de ficção criados por fãs de determinado livro, filme ou série/saga.

A ideia central desse gênero foi inspirada nas **fanzines** (*fanatic magazines*), que já traziam conteúdos variados, criados por fãs, no formato de revista. Normalmente, como forma de baratear os custos e democratizar o acesso, tanto as *fanfics* como as *fanzines* utilizam-se de redes sociais virtuais, como Twitter ou Facebook, além de sites específicos para publicação das histórias.

O que propomos, então, é que a turma, inspirada no universo fantástico de *O Hobbit*, produza *fanfics* (individuais, em duplas ou trios), partindo da perspectiva que achar mais relevante na obra. Por exemplo: é possível que algum aluno queira criar uma breve história do ponto de vista do Rei-élfico (ao conhecer os anões e Bilbo Bolseiro). Outro aluno ou aluna pode querer explicar melhor a origem de Trevaamata, como a maior floresta setentrional se tornou tão maléfica para quem a visita. Quem sabe alguém queira continuar a história de um dos personagens, como Beorn (o “troca-peles”), mostrando o que acontece com ele ao longo da vida e suas aventuras com os outros lobos selvagens (*wargs*), ou os gobelins, ou algum novo elemento fantástico, criado pelo(a) mais novo(a) autor(a).

Há inúmeras possibilidades, mas tudo começa com a apresentação do projeto comunicativo à turma e sua remodelação, levando em conta a opinião e as sugestões de todos os envolvidos. Acordem, portanto, tempo de produção do material, suporte em que será publicado (um *blog* poderia ser criado especialmente para essa atividade), a presença ou não de ilustrações (aproveitando, por exemplo, os desenhos realizados para o **Painel Mágico** e o **Álbum de Aventuras**).

Uma vez que o acordo estiver finalizado, é hora de preparar a “festa”. A turma precisa, antes de produzir, conhecer alguns modelos de *fanfic*, para que possa observar as características e, a partir delas, se inspirar para escrever o próprio texto. Os *crossovers* são as *fanfics* mais conhecidas, pois tendem a

misturar duas sagas, utilizando enredo e personagens, mas há também vários outros tipos que podem servir de modelo para a escrita da turma. Um deles, em especial, pode ser mais fácil de trabalhar em sala de aula: o *drabble*, os quais são “*fanfics* que possuem, no máximo, mil palavras e podem destacar alguns personagens ou determinado ponto de vista. São utilizadas, normalmente, para dar ênfase a algo que o autor gostaria que fosse ressaltado na história original” (VELASCO, 2019).

Após o período de apropriação do novo gênero, os alunos e alunas passam a situações de escrita/reescrita e, em seguida, à circulação do texto.

ATIVIDADE 02: CHÁ LITERÁRIO

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LP19) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

(EM13LP46) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, *slams* etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, *playlists* comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

Adaptado de BRASIL, 2018

Esta proposta de atividade funciona como uma continuação da anterior, uma vez que focamos no contexto de circulação dos textos fantásticos produzidos pelos alunos.

Indicamos, então, a organização de um **Chá Literário** com os novos escritores de literatura fantástica. Ao estilo dos **saraus**, os textos da turma podem ser lidos e – por que não? – trechos do próprio Tolkien podem ser relidos. É um momento de confraternização, em que os alunos e alunas podem se expressar de diversas formas – música, dança, poema...

Para planejar o Chá Literário, é preciso definir as equipes e formar a comissão de organização:

1. Equipe de logística: é a responsável por escolher um local, estabelecer horário, solicitar as autorizações necessárias (se houver), enviar os convites aos participantes (alunos e alunas, professores, familiares)

e cadastrar as apresentações do dia do evento (leituras, apresentações artísticas...);

2. Equipe de decoração: é a responsável por ambientar o espaço, a fim de envolver os participantes. No nosso caso, pode-se partir das descrições e imagens presentes no livro *O Hobbit* (como a Montanha Solitária, a toca de Bilbo, Trevamata, a caverna de Gollum...);
3. Equipe de comes e bebes: é a responsável pela parte culinária servida aos convidados (chá, biscoitos...). Aqui também seria interessante se inspirar nas descrições do livro!
4. Equipe de apresentação: é a responsável por explicar a realização do evento no dia, organizar os turnos de fala dos presentes e a sequência de apresentações.
5. Equipe de publicidade: é a responsável pelas fotos, vídeos e postagens nas redes sociais oficiais do evento (ou da escola), se houver.

É possível que, dependendo do **Chá Literário** organizado pela turma, surjam outras necessidades e novas equipes possam ser formadas.

PROPOSTA DE ATIVIDADES II

(Destinadas aos professores das demais áreas do saber)

Um livro faz parte de um mundo maior do que aquele que evoca, por isso atinge leitores de interesses diversos. Além disso, a matéria de que é feito – palavras, imagens, símbolos – está inserida num campo de saber amplo, que extrapola, no sentido pedagógico, uma área específica, como a de Língua Portuguesa. Um livro dialoga com o mundo, seja pela imaginação, pela ciência, pela tecnologia. Enfim, atravessa os campos de conhecimento e nos torna mais humanos.

Partilhando dessa compreensão, a BNCC organiza as aprendizagens essenciais em competências gerais, que não estão vinculadas a disciplinas específicas, mas aos conhecimentos e habilidades que os(as) alunos(as) precisam desenvolver em todos os níveis de ensino: Infantil, Fundamental e Médio¹⁰. Esta visão, no entanto, não é nova e vem há tempos sendo um norte conceitual nos documentos produzidos pela área de educação. O Parecer CNE/CP n. 11, de 2009, já colocava a importância de o trabalho estar organizado por áreas, pois o que se deve privilegiar é “o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino”.¹¹

PRÉ-LEITURA: PREPARANDO A MOCHILA DE VIAGENS

Adorava mapas, e em seu corredor estava pendurado um grande do Campo Em Volta, com todas as suas caminhadas favoritas marcadas nele com tinta vermelha.
(O Hobbit, J.R.R. Tolkien)

Para esta seção, convidamos você, professor, professora, da área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, a desenvolver um trabalho educativo tomando como base o texto literário *O Hobbit*, uma vez que um dos nossos objetivos, enquanto educadores, é “fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais **dinâmicas, interativas e colaborativas**

¹⁰Pode-se assim ler no documento: “Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2018, p. 8).

¹¹BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 11/2009. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, p. 11, 25 ago. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1685-pcp011-09-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 jul. 2020.

em relação à gestão do ensino e da aprendizagem”, considerando a “organização **interdisciplinar** dos componentes curriculares” (BRASIL, 2018, p. 16, grifo nosso).

De maneira didática, mantemos a sistematização realizada nas Propostas de Atividades 1 (pré-leitura, leitura e pós-leitura), de modo que as ações dialoguem não só entre as áreas, mas também entre as metodologias sugeridas.

ATIVIDADE 01: UMA PLANTA DA MONTANHA



Mapa da Terra-média com anotações de J.R.R. Tolkien¹²

Logo no começo das aventuras de Bilbo Bolseiro, nosso protagonista, Gandalf apresenta a ele e aos anãos um pergaminho que lembrava um **mapa**: era “uma **planta** da Montanha” (TOLKIEN, 2019, p. 32) que, usando o método usual dos anãos, mostrava também o caminho para uma porta secreta.

Ao lermos essas passagens, a cena faz parecer uma situação muito distante da nossa, mas, na verdade, estamos mais perto dela do que imaginamos. Junto aos alunos e alunas, vamos desvendar esse mistério e percorrer nossas rotas.

Para início de conversa, perguntem à turma se alguém já usou um mapa. É muito provável que as respostas sejam assertivas, mas não os de papel (ou pergaminho, como o dos anãos). Hoje, há vários aplicativos instalados em celulares que trabalham com mapas virtuais. Então, quais as semelhanças entre o mapa de Gandalf e os programas *online*? Certamente, a turma falará de rotas, pontos de partida e chegada, presença de imagens (textos não verbais) e textos, pontos de referência (como farmácias e postos de gasolina para os atuais, ou montanhas e vilas para os do livro). Nos dois modelos, há referências a rios e lagos e nome de lugares.

¹²Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/cultura/encontrado-mapa-da-terra-media-com-anotacoes-de-tolkien/>

Quantos elementos similares! Não estamos em terrenos tão longínquos como pensávamos, mas, sem dúvidas, as diferenças saltam aos olhos. Os alunos e alunas, quando indagados sobre isso, podem citar que hoje há uma maior possibilidade de interação: plataforma que se move, rotas mais fáceis planejadas automaticamente, narração digital do caminho escolhido... Sem falar nas inúmeras possibilidades de lugares a serem encontrados e suas constantes atualizações em tempo real, via satélite, o que, decerto, não era possível para Bilbo, Gandalf e os pobres anãos.

Após essa longa e divertida conversa, na qual os mapas puderam ser analisados¹³ superficialmente, é possível apresentar à turma uma versão interativa do mapa da Terra-média – local onde se passam as histórias de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* –, produzido por um serviço de *streaming*¹⁴ e disponibilizado de forma gratuita.

Depois de estarmos imersos num mundo dos mapas, cabe aqui também uma breve diferenciação entre eles e as **plantas**. No livro, depois que Gandalf mostra o pergaminho, um dos anãos ressalta:

“Não vejo como isso vá nos ajudar muito”, disse Thorin, desapontado, depois de dar uma olhada. “Lembro-me bastante bem da Montanha e das terras em volta dela. E sei onde fica Trevamata, assim como o Urzal Seco, onde os grandes dragões procriavam.” (TOLKIEN, 2019, p. 32)

Pela resposta, já conseguimos entender um pouco a diferença, mas, para uma definição melhor, precisaremos da ajuda da Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, quando do estudo da **cartografia**. Como afirma a BNCC: “A compreensão do espaço contempla as dimensões histórica e cultural, ultrapassando suas representações cartográficas” (BRASIL, 2018, p. 551). Logo, entendemos que mapas e plantas diferem entre si em virtude da área que cada um abrange, ou seja, uma maior ou menor escala.

Para além do tamanho da área, pode-se discutir os “processos de ocupação do espaço e a formação de territórios” por determinados povos, oportunizando aos alunos a visualização dos agentes envolvidos em “conflitos populacionais”, como pode ser observado ao final do livro, na Batalha dos Cinco Exércitos, em que os anãos, os elfos, os gobelins, os lobos selvagens e os homens travam uma guerra para conseguir o controle da Montanha Solitária e, por consequência, o ouro guardado nela.

¹³Professor e professora, se possível, apresentem os mapas à turma, por meio de um projetor.

¹⁴A plataforma Amazon criou o mapa interativo da Terra-média como uma forma de publicar sua nova série, a qual terá o mesmo cenário dos livros de Tolkien. Disponível em: <https://www.amazon.com/adlp/lotronprime>. Acesso em: 27 ago. 2020.

A própria “diversidade étnico-cultural” de cada povo envolvido na batalha, bem como as rotas que levavam ao local da luta, podem servir de análise entre alunos e alunas, além de dar margem para discussões mais profundas e complexas sobre a formação de impérios e reinos ao longo das civilizações.

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

(EM13CHS206) Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.

Adaptado de BRASIL, 2018

LEITURA: NAS TRILHAS DO TESOURO

As noites não tinham conforto e eram geladas, e eles não ousavam cantar nem falar muito alto, pois os ecos eram fantasmagóricos, e o silêncio parecia não gostar de ser quebrado – exceto pelo barulho da água, e pelos gemidos do vento, e pelo estalar da pedra.

(O Hobbit, J.R.R. Tolkien)

A análise de mapas, realizada no segmento anterior, nos deu margem para enveredar por caminhos mais profundos e intensos, tendo em vista os outros domínios do saber. Portanto, professores e professoras, as propositivas continuam de cunho inter e transdisciplinar, que são pilares para o desenvolvimento dos componentes curriculares, no que se fundamenta a BNCC.

ATIVIDADE 01: MONTANHA ACIMA, MONTANHA ADENTRO

Durante a leitura do texto, é perceptível o quanto a paisagem muda. Desde a saída do pequeno hobbit de sua toca até a Montanha Solitária de Smaug, os anões e Bilbo passam por trilhas perigosas, rios e lagos caudalosos que desembocam em cachoeiras. Eles também percorrem uma floresta setentrional, além das Montanhas Cinzentas.

Os mapas revelam aos personagens onde eles encontrarão todos os elementos, mas cada paisagem traz consigo um clima diferente, que pode arruinar a viagem. Neste ponto, convidamos, inicialmente, os professores e professoras de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, uma vez que, a partir de habilidades já desenvolvidas no Ensino Fundamental, com a Geografia Física, é possível compreender melhor esses fenômenos. Para além desses aspectos, é possível discutir **impactos econômicos** que são provenientes “de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais” (BRASIL, 2018, p. 562) desses lugares pelos quais os personagens passam.

Um exemplo claro é o capítulo 9, “Barris Desabalados”, que mostra como os elfos se organizam socialmente e economicamente em decorrência dos rios e da Floresta:

[...] o vinho e outros bens subiam os rios, ou viajavam por terra até o Lago Longo. Parecia que uma vila de homens ainda prosperava por lá, construída em cima de pontes na parte funda da água [...]. (TOLKIEN, 2019, p. 181)

Quando os barris ficavam vazios, os elfos os jogavam pelos alçapões, abriam o portão d’água e lá se iam eles na correnteza, boiando, até que eram carregados rumo a um lugar ao longe, rio abaixo, onde as barrancas se projetavam bastante, perto da borda oriental de Trevamata. Ali eram coletados e amarrados, juntos, e flutuavam de volta à Cidade-do-lago, que ficava perto do ponto onde o Rio da Floresta desaguava no Lago Longo. (TOLKIEN, 2019, p. 182)

Os trechos mencionados podem ser lidos a partir de reflexões sobre situações similares no mundo real. Pode-se, por exemplo, instigar os alunos a compararem tal cena com algum modelo conhecido de uso dos recursos naturais, presentes em sua comunidade. É possível, em sala, construir um painel com imagens de diversas sociedades que, mesmo usufruindo de tais recursos, conseguem promover a “**sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta**”.

Em outra perspectiva, convidamos os professores e professoras de **Ciências da Natureza e suas Tecnologias** para, em um caminhar conjunto, “analisar os ciclos bioquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos” (BRASIL, 2018, p. 541), tendo em vista a ingerência dos elfos e dos homens sobre rios, lagos e florestas presentes nas cenas do livro. Nesse sentido, embora seja um universo fantástico, muitos ecossistemas são regidos de forma similar aos do que chamamos de “mundo real”, portanto, apresentariam consequências também similares.

Uma possibilidade de ação pedagógica é criar uma **Comissão de Direitos Fantásticos** (em alusão a uma Comissão de Direitos Humanos¹⁵), para discutir “preservação e conservação da biodiversidade” do mundo mágico de Tolkien. Seria interessante fazer uma projeção de impactos a curto e longo prazo nas sociedades presentes do livro, em referência à exploração do ecossistema vigente e, obviamente, reverberando para nossa sociedade.

Para criar a comissão, pode-se dividir a turma em grupos, estabelecendo temas importantes relativos ao assunto tratado; cada equipe elabora suas projeções e propostas para a Terra-média de *O Hobbit*. Deve-se eleger um(a) líder para cada grupo, que será um dos representantes da Comissão e apresentará as discussões do grupo, defendendo-as. Ao final,¹⁶ pode-se construir um documento, partindo das decisões tomadas pela turma.

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13CHS302) Analisar e avaliar os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CNT105) Analisar a ciclagem de elementos químicos no solo, na água, na atmosfera e nos seres vivos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.

(EM13CNT203) Avaliar e prever efeitos de intervenções nos ecossistemas, nos seres vivos e no corpo humano, interpretando os mecanismos de manutenção da vida com base nos ciclos da matéria e nas transformações e transferências de energia.

(EM13CNT206) Justificar a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta.

Adaptado de BRASIL, 2018

ATIVIDADE 02: CRAM E ÁGUA

Durante a leitura do texto literário, algumas cenas nos deixam em “desalento”, visto que os anões e nosso protagonista Bilbo Bolseiro enfrentam uma sequência de aventuras assombrosas, que os forçam a refazer os planos e seguir em frente. Uma cena recorrente é a perda de toda a provisão de alimentos que os

¹⁵Ou em alusão à Organização das Nações Unidas (ONU).

¹⁶É possível acrescentar outras etapas antes e depois da construção do documento final, como a realização de Assembleia para votação de propostas ou a criação de equipes para a elaboração de um Estatuto da Comissão de Direitos Fantásticos.

personagens levavam, em decorrência de algum fato climático, de algum ataque de gobelins ou *wargs* ou outra peripécia.

Ultrapassando todos esses obstáculos, os anões e o hobbit conseguem a ajuda de algum morador ou povo próximo de onde estão, como Beorn (o “troca-peles”), que, por meio de Gandalf, ofereceu comida e lugar para que eles descansassem por alguns dias, além de pôneis para chegar a Trevamata. Além dele, os Homens-do-lago também contribuíram com a jornada, não somente com alimentos, cavalos e pôneis, mas também com grandes barcos, carregados com remadores e tendas.

Cada alimento e/ou outro tipo de ajuda, além da boa vontade, representa, naturalmente (e espontaneamente), a cultura de um povo, seus “valores, crenças e práticas”, que variam com o tempo, com a localização, enfim, com as “tipologias evolutivas” da sociedade.

[...] tomaram o café da manhã que era possível, principalmente *cram* e água. (Se você quer saber o que é *cram*, só posso dizer que não conheço a receita; mas lembra biscoito, não estraga por tempo indeterminado, supõe-se que dá sustança e certamente não é uma delícia, sendo, de fato, bastante desinteressante, exceto como exercício de mastigação [...].) (TOLKIEN, 2019, p. 245-246)

Como exemplo, temos a produção de *cram*, um tipo de alimento feito para aguentar viagens longas, sem gosto, mas, como o excerto aponta, “supõe-se que dá sustança”. Tal elemento pode representar um povo que se adaptou a viver com escassez de comida, tendo que criar receitas culinárias cuja duração pudesse ser extensa.

A área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, dessa forma, tem muito a contribuir, no sentido de proporcionar aos leitores uma compreensão acentuada das coletividades. A criação de um **Álbum de Figurinhas** é uma forma divertida de representar os papéis sociais exercidos por cada povo.

Para construir um álbum, pode-se pedir que os alunos, em grupos, desenhem os elementos que representam os povos citados no livro (alimentos, animais, objetos...), seguindo as descrições do próprio texto literário, elaborando legendas para acompanhar as imagens e, principalmente, tecendo reflexões e interseções sobre a cultura e a história das populações. Em seguida, a turma junta todos os desenhos em um álbum de fotos. De forma mais artesanal, pode-se criar o próprio Álbum de Figurinhas, colando/costurando/fixando uma folha de papel ofício a outras e confeccionando uma capa personalizada.

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13CHS104) Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar as tipologias evolutivas (como populações nômades e sedentárias, entre outras) e as oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/sensibilidade, material/virtual etc.), explicitando as ambiguidades e a complexidade dos conceitos e dos sujeitos envolvidos em diferentes circunstâncias e processos.

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

Adaptado de BRASIL, 2018

PÓS-LEITURA: UMA VIAGEM DE VOLTA... NOVAS EXPEDIÇÕES

Chegamos ao nosso destino, mas, por incrível que pareça, nossa viagem de volta é o pontapé inicial para novas aventuras, extrapolando nossas experiências.

Estradas sempre avante vão,
Cobrem-nas astros a brilhar,
Até que os pés que longe estão
Fazem o retorno ao lar.
(Bilbo bolseiro)

Neste momento, após tantos acontecimentos passados e diversas relações elaboradas, é deveras importante um olhar mais introspectivo, embora não isolado, muito menos egoísta. A BNCC indica que alunos e alunas do Ensino Médio reconheçam

[...] a diversidade de saberes e vivências culturais, [apropriando-se] de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 9)

Essa premissa busca a valorização da própria identidade numa sociedade étnica e culturalmente plural, bem como o respeito à cultura do outro, acolhendo as diversidades.

Tal visão não é distante do cenário literário em que estávamos, até então, imersos, uma vez que Bilbo teve de encontrar-se e definir-se como um hobbit, reconhecendo seu papel social junto aos anões e, principalmente, assumindo suas qualidades (coragem, astúcia...) e desejos. Bilbo reconstruiu seu **projeto de vida**, a partir das adversidades e tensões em jogo entre ele e os anões, entre ele e Gandalf, entre seus companheiros e os elfos, os gobelins, os Homens-do-lago...

Sem dúvida, essa reconstituição pessoal transpassou inúmeros conflitos de ordem interna (Bilbo consigo mesmo), mas principalmente externa (lutas, batalhas, desconfianças...). Ao final, vemos povos sobrepujando outros, a ferro e fogo. Nessa conjuntura, convidamos os professores e professoras da área de **Linguagens e suas Tecnologias**, bem como da área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** para questionarem os alunos: A paz foi, de fato, garantida? Havia outras formas de assegurá-la? A aparente tranquilidade durará por quantas eras? Em que medida essas tensões nos afetam?

Diante do diálogo fomentado, propomos, como atividade final, a criação de um **Tratado da Paz** que respeite os direitos de todos os reinos do universo fantástico de *O Hobbit*, por meio de um **debate regrado**. A turma pode ser dividida em cinco equipes (cada uma representando um povo na Batalha dos Cinco Exércitos).

O “tratado de paz” poderia ser redigido após o debate¹⁷ – em momento dedicado somente à escrita do documento, de forma coletiva, considerando modelos já existentes – e publicizado para a turma (ou para a escola), por meio de **cartazes** ou **ferramentas digitais** (tais como uma *fanpage* ou perfil de Instagram dedicados à obra).

DIÁLOGOS COM A BNCC

Habilidades trabalhadas:

(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas, que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

¹⁷Essa sugestão retoma a atividade 1 (Montanha acima, montanha adentro), da seção “Nas trilhas do tesouro”, referente às Propostas de Atividades II.

(EM13LP26) Engajar-se na busca de solução de problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, dentre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade.

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.

Adaptado de BRASIL, 2018

APROFUNDAMENTO

Caros professores e caras professoras, como guias e viajantes que assumimos ser ao longo desse caminho, é indispensável nos aprofundarmos um pouco mais nas relações literárias sobre as quais foram construídas as bases de *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez* e, por conseguinte, nossas propostas de atividades. Quando boa parte desta obra estava pronta (pelo menos até a morte de Smaug, o Magnífico), ela foi lida por C.S. Lewis, o qual vocês provavelmente devem conhecer, pois foi o escritor de outro grande texto da literatura fantástica: *As Crônicas de Nárnia*. Tolkien e Lewis eram grandes amigos. O criador de Aslam foi um apoiador contundente do primeiro e asseverava que os personagens criados tinham raízes profundas, estavam imersos em uma cultura própria, um momento histórico... Tinham vida própria!

É necessário, portanto, compreendermos o universo fantástico de Tolkien. Para tanto, estabelecemos, primariamente, duas perspectivas a serem por nós discutidas: os elementos criados pelo autor fazem parte de um gênero chamado literatura fantástica ou de uma modalidade de texto presente em vários gêneros? Para responder a esta pergunta de forma coerente, vamos resgatar dois estudos da literatura, com duas óticas distintas: Tzvetan Todorov e Remo Ceserani.

O primeiro entende o fantástico com um gênero próprio, que está entre o **estranho** e o **maravilhoso**. Segundo Todorov (2004), há alguns critérios para um texto ser classificado como fantástico:

- Primeiro: “é necessário que o texto obrigue ao leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (TODOROV, 2004, p. 19-20);
- Segundo: o leitor “deverá **rechaçar tanto a interpretação alegórica como a interpretação ‘poética’**” (TODOROV, 2004, p. 20), ou seja, não deve acreditar que a história é uma simbologia para outras situações ou transmissão de determinadas mensagens (se animais falam, por exemplo, não tomamos isso literalmente).

Ou seja, a característica marcante para um texto ser considerado pertencente ao gênero fantástico seria a **hesitação** em acreditar nos elementos da narrativa. Para o autor, se o leitor acredita que esses elementos podem ser explicados cientificamente, seguindo as Leis da Natureza, então teríamos o gênero estranho. Por outro lado, se o leitor não conseguisse explicar a existência desses elementos, mas “aceitasse o sobrenatural”, teríamos o gênero maravilhoso.

Seguindo a linha de pensamento de Todorov, *O Hobbit* não seria considerado do gênero fantástico. Ele estaria em transição para o maravilhoso, uma vez que o leitor desta obra entende (e aceita) que há o mundo completamente diferente do real, o qual não se explica por nossas leis. Segundo Camarani (2014), Remo Ceserani (2006) seguiu uma outra linha de raciocínio, afirmando que

[...] o fantástico surge de preferência considerado não como um gênero, mas como um **“modo” literário**, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser, com maior ou menor evidência e capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muito diversos. (CESERANI, 2006, p. 12, grifo nosso, *apud* CAMARANI, 2014, p. 133)

Por esse trecho percebemos que o autor não entende o fantástico como gênero, mas como uma modalidade presente em vários gêneros e subgêneros literários (romances, contos...). Para que essa modalidade esteja contemplada, alguns fatores normalmente são atendidos, como: a frequente narração em primeira pessoa; a “capacidade criativa da linguagem” – eficiente em gerar um mundo completamente novo, por meio de descrições, metáforas e outros procedimentos estilísticos; o envolvimento do leitor reagindo ao horror, às surpresas, ao humor; a fronteira entre o que é real e o que é imaginário sendo transpassada pelos leitores, bem como o efeito de ilusão criado.

Da mesma forma, Camarani nos apresenta outro estudioso que, ao concordar com Ceserani, também entende o fantástico como modo ou modalidade: David Roas. Para Roas (2011, *apud* CAMARANI, 2014, p. 167), “o essencial para que tal conflito crie um efeito fantástico não é a hesitação ou a incerteza, elementos sobre os quais muitos teóricos insistem desde Todorov, mas a impossibilidade de explicação do fenômeno”. Logo, se entendemos fantástico como uma modalidade, assim como Ceserani (2006) propõe, temos aqui contempladas as aventuras de Bilbo Bolseiro, dos anões e de Gandalf.

O que disse o próprio Tolkien a respeito de sua obra?
Como ele a considerava?

Normalmente é difícil descobrirmos o que autor pensa a respeito de sua obra, caso ela seja clássica como *O Hobbit*. Mas, como já dissemos no começo de nossa jornada, nosso escritor era também um professor de Literatura, portanto, tem dupla propriedade sobre o assunto. Em um ensaio chamado “Sobre Estórias

de Fadas”, publicado em *Árvore e Folha* (2020), o autor tenta explicar sua criação, partindo da definição de estórias de fadas. Para ele,

estórias de fadas não são [...] estórias sobre fadas ou elfos, mas estórias sobre Feéria, o reino ou estado no qual as fadas têm seu ser. Feéria contém muitas coisas além de elfos e fadas e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões. Ela abriga os mares, o sol, a lua, o céu, a terra e todas as coisas que estão nela: árvores e pássaros, água e pedra, vinho e pão e nós mesmos, homens mortais, quando estamos encantados . (TOLKIEN, 2020, p. 23)

Por esta definição, claramente encontramos o universo mágico de Tolkien. A Terra-média, composto por elementos vários, como ele mesmo cita, pertencem a outro mundo, ao mundo das fadas (não no sentido restrito ou costumeiro). Ao longo do ensaio, o próprio Tolkien discutirá sobre as origens e a herança dos contos de fada, bem como sua evolução, mas notadamente ele aponta que esse gênero “aborda ou usa Feéria, qualquer que possa ser seu próprio propósito central: sátira, aventura, moralidade, fantasia” (TOLKIEN, 2020, p. 24). O autor, portanto, entende que essa denominação não deve ser fechada em si, pois “Os **elementos antigos podem ser retirados, esquecidos e jogados fora ou repostos por outros ingredientes** com a maior facilidade, como mostra qualquer comparação de uma estória com variantes proximamente relacionadas a ela” (TOLKIEN, 2020, p. 43-44, grifo nosso).

Essa discussão mais aprofundada sobre o modo fantástico no texto de Tolkien é importante, pois ajuda vocês, professores e professoras, a entenderem outras questões, como os elementos da narrativa fantástica e o estilo de texto construído pelo autor, que ficam muito evidentes nas aulas de leitura e são fruto de constantes questionamentos entre alunos e alunas.

Para além dessas noções, cabe-nos aqui tecer algumas linhas mais aprofundadas sobre o **tipo de texto** (ou **sequência textual**) pelo qual a história é desenvolvida: o narrativo, cujo gênero discursivo **romance**¹⁸ está imerso.

Alguns constituintes dele vocês já devem ter encontrado nas propostas de atividades, em diálogo com a ação desenvolvida em sala, porém, acreditamos ser necessário nos deter em alguns pontos-chave:

- Apresentação
- Desenvolvimento
- Clímax
- Desfecho

¹⁸Não somente o romance, mas novelas, contos, lendas, mitos, histórias em quadrinhos e muitos outros gêneros perpassam essa tipologia textual.

A apresentação é um momento de estabilidade, em que conhecemos nossos personagens e absorvemos informações básicas do texto. Foi o que aconteceu quando conhecemos Bilbo Bolseiro e observamos a chegada de Gandalf, bem como o diálogo inicial.

O desenvolvimento, o clímax e o desfecho são expandidos e dão lugar a cinco etapas: uma situação que está começando a acontecer (a chegada dos anões e a descoberta do plano original de roubar o tesouro de Smaug, por exemplo); o nó (uma complicação que precisa ser resolvida, como a falta de mantimentos e lugares aquecidos e o primeiro encontro com os trols); a avaliação e a reação diante do nó (como o momento em que Bilbo decide pegar a carteira de um trol e é descoberto junto com os anões); o desenlace (momento em que o nó é desfeito, com um final bom ou não, o que corresponderia à chegada de Gandalf e sua artimanha para transformar os trols em pedras); e a situação final (em que os trols viram pedras ao andarem à luz do dia e os anões e Bilbo são salvos).

Como vocês perceberam durante a leitura de nosso romance de modalidade fantástica, esse processo de cinco etapas se repetirá várias vezes, pois os personagens envolvem-se em muitos “nós”, que precisam ser avaliados e “desenrolados”. Somente ao final da sequência narrativa temos o que Jean-Michel Adam (2008) chama de “**depois** do processo”, ou seja, o encerramento da história, que traz a viagem de volta de Bilbo pra casa (sem exposição de aventuras, de forma mais rápida e sucinta). Logo, temos uma narrativa longa, permeada de “nós”, que é o que costuma diferenciar¹⁹ os romances de outros gêneros de mesma modalidade (como os contos e as crônicas).

Essas discussões teóricas aqui expostas (quanto ao modo, ao gênero e ao estilo do texto lido) possibilitam aos professores e professoras o desenvolvimento de inúmeras atividades e/ou projetos escolares (inter, multi e transdisciplinares), como reflexos da leitura de *O Hobbit*.

¹⁹Entendemos que há outros elementos que diferenciam a estrutura composicional do romance para os outros gêneros mencionados. Contudo, grosso modo, preferimos manter o fator “extensão” como delimitador entre eles, uma vez que contempla o objetivo da seção.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Na formulação do texto da BNCC, fica muito evidente a importância dos campos de **atuação social**, que são os **eixos estruturantes** do processo educativo. Por isso, a BNCC não apresenta um currículo mínimo por série, mas sim um conjunto de **competências** e **habilidades** ligado aos campos de atuação. Essa perspectiva, que sai da seriação e da hierarquia de conteúdos, abre-se para possibilidades amplas de vivência do(a) professor(a) e do(a) aluno(a) na e além da sala de aula. Muitos campos circulam a vida dos jovens, que se equilibram entre várias frentes de ação e pensamento que precisam ser convidadas a integrar com o processo de aprendizagem posto em prática no ambiente escolar. Vejamos inicialmente uma reflexão sobre esse posicionamento:

A aula é o espaço/tempo privilegiado da comunicação didática. [...] É uma relação intersubjetiva, supõe portanto a presença de sujeitos interagindo entre si. Em outras palavras, tanto o aluno quanto o professor devem ser vistos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, e neste sentido possuem uma igualdade para que tal relação se estabeleça. [...] Porém, aluno e professor possuem diferentes níveis de compreensão da realidade e o diálogo em aula não deve ignorar este dado, mas sim incorporá-lo como dado fundamental. (PONCE, 1989, p. 77-78)

O pensamento de Ponce, acima referenciado, enfatiza a percepção de que as formas de aprender acontecem por contato entre **subjetividades**: a subjetividade-professor e a subjetividade-aluno. Essas, por sua vez, promovem outro nível de interação entre sujeitos: a subjetividade da própria aula, cenário de invenção e criação de expressões. Tais subjetividades se formam nos campos de atuação social. Portanto, destaca-se a importância de agregá-los às práticas educativas e, sobretudo, leitoras.

Segundo a BNCC, podemos dividir esses campos, para efeito metodológico, em cinco “vidas”: **vida pessoal, vida pública, jornalístico-midiático, artístico-literário e práticas de estudo e pesquisa**.

Assim, o trabalho didático que se faz com um livro deve levar em consideração esses espaços de produção que darão mais sentido ainda à leitura e às atividades desenvolvidas. Por isso, nesta seção, apresentamos algumas fontes que podem sofisticar o letramento dos alunos, como também mediar seu processo de compreensão do mundo fantástico criado por Tolkien que teve seu início nas páginas de *O Hobbit*.

CAMPO DE ATUAÇÃO DA VIDA PESSOAL: a partir de uma frase, “Numa toca no chão vivia um hobbit”, Tolkien (2019, p. 15) convida e conduz seus leitores a uma jornada inesperada. **Mas, inesperada por qual razão?** Porque o seu herói, o tal do hobbit que vivia em uma toca, é o mais improvável dos heróis. Bilbo Bolseiro, como a maioria das pessoas, só quer ser deixado em paz e levar uma vida tranquila, mas se vê irremediavelmente imerso, logo ele, a mais inofensiva das criaturas, em uma aventura periclitante e maravilhosa. Esse sentido de pequenez e trivialidade é que faz com que o leitor de qualquer idade (embora os mais jovens com mais ímpeto) se identifiquem imediatamente com o protagonista da história. Sabemos que Bilbo retorna ao Condado ao final da aventura, pois o subtítulo da obra já o sinaliza (“lá e de volta outra vez”), mas não é o mesmo hobbit: o périplo o transformou!

Para entender essa jornada do herói e como ocorre o processo de identificação, o leitor pode se valer da leitura de *A Jornada do Escritor – Estrutura Mítica para Escritores*, no qual **Christopher Vogler** se debruça sobre o conceito de *O Herói de Mil Faces* de **Joseph Campbell** e como essa estrutura narrativa e arquetípica tem sido utilizada nas mais diversas obras de arte ao longo dos séculos, dos mitos gregos a *Star Wars*. Mesmo que o leitor não deseje se tornar um escritor, a leitura será, além de envolvente, proveitosa, pois não se pode fugir do fato de que o mundo pós-moderno é permeado de narrativas – das séries vistas em maratona em canais de *streaming*, como a Netflix, até as narrativas falsas que se imiscuem em nossa rotina. Portanto, é de grande valor perceber como essas histórias são criadas, reinventadas e revitalizadas para um novo público.

CAMPO DE ATUAÇÃO DA VIDA PÚBLICA: o mais comum e ludibrioso erro que se pode cometer ao colocar obras de fantasia em geral, e a de Tolkien em particular, como objeto de apreciação crítica ou literária é o de desvinculá-las totalmente da vida pública que o autor levou e do contexto histórico em que tanto ele como as suas obras estavam inseridas. Não é que não haja um componente de escapismo em livros de fantasia, com seus dragões e exércitos, mas toda obra é um documento sobre seu tempo, mesmo que as vicissitudes e agruras deste mesmo tempo sejam trabalhadas em forma de alegoria e subtexto, mesmo, enfim, que o leitor ocasional não perceba essa camada em uma leitura mais descuidada. Tolkien viveu durante por boa parte do século XX – período de tempo em que o ser humano mais se desenvolveu tecnologicamente, lutou duas guerras mundiais, avançou para além de suas fronteiras planetárias, cometeu os maiores genocídios e enfrentou desafios nunca sonhados por seus antepassados.

É ingenuidade pensar que nada disso influenciou e, em muitos casos, determinou as narrativas, os personagens e o destino da Terra-média. Tendo como base escritos autobiográficos e textos de teóricos, tanto da literatura

como das ciências sociais, **Paulo Cristelli** defende, em *J.R.R. Tolkien e a Crítica à Modernidade*, que muito do que é descrito no Legendário (conjunto de obras e mitologia de Tolkien) é um reflexo dos eventos significativos daquela era, como a mecanização dos conflitos armados, a destruição em larga escala do meio ambiente e a dizimação de populações e culturas inteiras. É claro que nada disso é abordado de forma direta, mas é também inegável que muitos dos problemas mundiais foram ressignificados na prosa tolkieniana, como a ascensão de governos totalitaristas está representada pelo poder quase inexpugnável de Sauron. Dessa forma, a já rica e vasta obra tolkieniana ganha mais uma chave de leitura e interpretação.

CAMPO JORNALÍSTICO-MIDIÁTICO: Tolkien não escreveu crônicas em jornais relatando os eventos de seu tempo; sua produção enquanto escritor, professor universitário e linguista o mantinha suficientemente ocupado. No entanto, muito da sua visão acerca do mundo e de sua própria obra pode ser percebida em riqueza de detalhes nas 354 cartas de punho próprio reunidas no volume *As Cartas de J.R.R. Tolkien*, organizadas por seu filho **Christopher Tolkien** e editadas por seu biógrafo **Humphrey Carpenter**. Na correspondência, os escritores costumam ser menos defensivos e revelar fatos e incidentes que não o fariam ao mais talentoso dos entrevistadores, e Tolkien não é exceção. Cobrindo um largo período de tempo, que vai de sua época como universitário aos seus últimos anos de vida, o conjunto de missivas se aprofunda no processo de criação do escritor, em suas opiniões sobre o mundo além da Terra-média, seu trabalho docente e sua filosofia de vida. Em uma linguagem mais terna e pessoal, a leitura dessas cartas é o que mais se aproxima de uma autobiografia, que não se estrutura em torno de datas e documentos, mas de uma visão íntima e reveladora de um dos maiores escritores da literatura universal.

Mesmo com a lacuna de uma autobiografia, não há poucas biografias e livros escritos sobre Tolkien, dada que sua fortuna crítica é uma das mais extensas em língua inglesa. Em língua portuguesa, podemos destacar *J.R.R. Tolkien: uma Biografia*, por ser escrita pelo supracitado **Humphrey Carpenter** e por ser a única autorizada.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: a obra de Tolkien, ao longo das décadas, já serviu de inspiração e foi alvo de adaptações das mais variadas, sendo as mais conhecidas as duas trilogias de filmes dirigidas por Peter Jackson: *O Senhor dos Anéis* (“A Sociedade do Anel”, “As Duas Torres” e “O Retorno do Rei”) e *O Hobbit* (“Uma Jornada Inesperada”, “A Desolação de Smaug” e “A Batalha dos Cinco Exércitos”). Mas, muito antes das versões do cineasta australiano tomarem o mundo por assalto, centenas de artistas emprestaram seu talento para retratar cenas, personagens e passagens dos livros de Tolkien. O primeiro deles, porém,

foi o próprio autor. A primeira edição de *O Hobbit* tinha capa, ilustrações (em cores e em preto e branco) e mapas desenhados por Tolkien.

As obras, tanto literárias como gráficas, de Tolkien não se limitam às páginas, encontrando novas moradas ao redor do mundo, em vários museus, cujas exposições atraem o olhar de milhares de admiradores, podendo ser apreciadas, em parte ou na íntegra, em sites da internet. Um exemplo recente é o **Museu Greisinger**²⁰, na Suíça, que, construído no formato de uma das tocas do Condado, exhibe, desde 2013, quadros e preciosidades relacionados à obra de Tolkien para o mais exigente dos fãs.

Também merece destaque a exposição *Tolkien: Maker of Middle-Earth*, que foi colocada para apreciação do público na Biblioteca Weston, em Oxford, na Biblioteca Morgan, em Nova York, e, finalmente, na Biblioteca Nacional da França, em Paris, em 2019. Infelizmente, a exibição não foi retomada em 2020 e não pôde ser disponibilizada em outros países, mas parte do acervo e dos vídeo-tours, palestras e material para professores pode ser encontrada no site da exposição²¹.

CAMPO DE PRÁTICAS DE ESTUDO E PESQUISA: além de ter sido um docente e um exímio pesquisador e linguista, Tolkien é um dos autores cujos personagens ficcionais em língua inglesa são mais popularmente conhecidos e pesquisados, tanto de modo acadêmico como técnico, ou autodidata, rivalizando com Sir Arthur Conan Doyle e seu Sherlock Holmes. É virtualmente impossível fazer um índice de tudo o que foi escrito sobre Tolkien e a Terra-média, mesmo que só levássemos em conta os livros mais proeminentes, sem falar nas teses, monografias e *fan-fictions*. Parece que o Legendário foi escrutinado sob todas as perspectivas, desde o seu claro subtexto judaico-cristão (*O Evangelho da Terra-média – Leituras Teológico-literárias da Obra de J.R.R. Tolkien*, de Carlos Ribeiro Caldas Filho) até musical (*O Senhor dos Metais: a Influência de J.R.R. Tolkien no Rock e Heavy Metal*, de Stefano Giorgianni). A obra de maior fôlego sobre o universo criado pelo autor são os 12 volumes de *The History of Middle-Earth*, escrita por Christopher Tolkien, que é inédita no Brasil, mas se encontra em processo de tradução pela HarperCollins Brasil. Mas, enquanto essa tarefa hercúlea não é concluída, ainda há uma cornucópia de obras para o fãs brasileiros de Tolkien se aprofundarem.

Como *O Hobbit* é o nosso foco e a porta de entrada para quem quer conhecer a Terra-média, vamos destacar quatro volumes introdutórios, mas abrangentes, sobre ele e seu autor que podem ser encontrados com facilidade em língua portuguesa. A fim de ter uma visão mais extensiva sobre a obra de

²⁰Disponível em: <http://www.greisinger.museum>. Acesso em: 27 ago. 2020.

²¹Disponível em: <https://tolkien.bodleian.ox.ac.uk>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Tolkien, o melhor lugar para começar é o volume *Explicando Tolkien*, escrito por Ronald Kyrmse, que vem estudando o Legendário por mais de 25 anos. O livro faz um apanhado e sugere uma reflexão sobre os temas e as estruturas dos livros (póstumos ou não) que lhe saíram da pena, sem deixar de construir uma prosa didática e direta, sem exagero de conceitos ou notas de rodapé. Já *A Sabedoria do Condado*, de Noble Smith, de forma mais lúdica, esmiúça o modo de vida do povo mais querido criado pelo professor, os pequenos hobbits, com detalhes sobre seus hábitos, culinária, festas e tradições. Para quem já leu o livro ou quer fazer uma leitura acompanhada, é recomendável *Explorando o Universo do Hobbit*, em que Corey Olsen faz uma análise capítulo a capítulo do livro, enfatizando a evolução do protagonista conforme enfrenta os perigos de sua aventura com os anões. Por fim, um compêndio que oferece uma boa amostra do que tem sido escrito nos últimos anos na academia pode ser encontrado em *O Hobbit e a Filosofia*, organizado por Gregory Bassham e Eric Bronson, compilando a visão de 14 autores sobre diferentes aspectos da obra de Tolkien à luz da filosofia. Ainda tendo em foco a academia e cursos de extensão, antes da pandemia de COVID-19, a temporada de estudos tolkienianos já contava, em 2019, com pelo menos três eventos de porte, só para citar os da região Sudeste: a **X Jornada de Estudos Medievais** da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); **J.R.R. Tolkien: de Beowulf ao Silmarillion**, do Espaço 8 de Arte e Cultura; e o **Curso de Medievalismo e Neomedievalismo: As Retraduções da Idade Média**, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Não podemos nos esquecer, ainda, de que o site oficial de J.R.R. Tolkien está vivo e operante!²²

Logo, vê-se que o alcance das obras de referência sobre o universo e as línguas criadas por Tolkien é tão vasto quanto o território da Terra-média, bastando ao leitor curioso seguir o exemplo de Bilbo Bolseiro e se aventurar nas veredas da fantasia e da leitura.

²²Disponível em: <<https://www.tolkien.co.uk>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

- ADAM, J-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passegi, João Gomes da S. Neto, Eulália Vera Lúcia Leurquin. Revisão técnica de Luis Passegi e João Gomes da S. Neto. São Paulo: Cortez, 2008. • Texto que trata da sistematização do plano geral dos textos (as sequências discursivas), partindo de posicionamentos teóricos e procedimentos analíticos.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, 2018. • Texto de caráter normativo, que estabelece as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos para cada área do conhecimento. No caso de Linguagens e suas Tecnologias, também aponta os campos de atuação.
- CAMARANI, A.L.S. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. • Discute as principais teorias acerca do fantástico, desde Todorov até o pensamento mais moderno.
- ENCONTRADO mapa da Terra-média com anotações de Tolkien. *Veja*, São Paulo, 26 out. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/encontrado-mapa-da-terra-media-com-anotacoes-de-tolkien>>. Acesso em: 27 ago. 2020. • Texto de cunho jornalístico-midiático, que traz um mapa interativo da Terra-média.
- GAMA, V.C.; SILVA, W.S.; BISERRA, W.A. O modo fantástico em *O Hobbit* – (Re)fluxos cinema/literatura. *Revista Abusões*, n. 6, v. 6, ano 4, 2018, p. 9-38. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/abusoes.2018.32705>>. Acesso em: 27 ago. 2020. • Artigo que trata do modo fantástico em Tolkien, considerando a relação cinema e obra literária, tanto em *O Hobbit* como em *O Senhor dos Anéis*.
- LINCOLINS, T. Conheça o mundo fantástico de Tolkien. *Aventuras na História*, São Paulo, 23 maio 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/conheca-o-mundo-fantastico-de-tolkien.phtml>>. Acesso em: 27 ago. 2020. • Texto de cunho jornalístico-midiático, que fala sobre a cinebiografia de Tolkien, lançada em 2019 nos cinemas.
- SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. • Reflete sobre as estratégias para o ensino de leitura, antes, durante e depois do ato de ler.
- TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019 (brochura). • Obra literária foco desta unidade.
- TOLKIEN, J.R.R. *Árvore e Folha*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. • Texto que traz compilado o ensaio “Sobre Estórias de Fadas”, o qual trata do mundo mágico dos contos de fadas, suas origens, heranças e difusão, e o conto “Folha de Cisco”.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. • Texto que traz uma das correntes precursoras do estudo do fantástico como gênero literário.
- VELASCO, A. O que são fanfics? Saiba onde encontrá-las online. *Canaltech*, 27 out. 2019. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/o-que-sao-fanfics-saiba-onde-encontra-las-online>>. Acesso em: 27 ago. 2020. • Texto que explica as características do gênero discursivo *fanfic*, exemplificando-as.
- VILA-DOS-HOBBITS (Hobbiton). *A Grande Rota*, São Paulo, 13 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.agranderota.com.br/post/hobbiton>>. Acesso em: 27 ago. 2020. • Texto de cunho jornalístico-midiático, que fala sobre a atração turística criada a partir do set de filmagem dos filmes *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*.